

ALTEROFOBIA: UM DIAGNÓSTICO DA SOCIEDADE ATUAL ALTEROPHOBIA: A DIAGNOSIS OF TODAY'S SOCIETY

ISSN: 2595-8704. DOI: 10.29327/2323543.26.1-4

Hilário Jebeson Viana da Costa ¹

RESUMO

A alterofobia ainda não se tornou um assunto muito aprofundado. Com este artigo, a partir da pesquisa bibliográfica de autores e textos, pretende-se compreender o que seria essa fobia social. A alterofobia esboçada aqui neste ensaio não tem um caráter patológico ou congênito, mas é concebida como um produto dos processos de socialização. Ou seja, do mesmo modo que não nascemos racistas, homofóbicos, preconceituosos, não nascemos com esse medo ou ressalva em se relacionar com o outro, mas ele é forjado e adquirido cotidianamente seja por motivos afetivos, sociais (violência), etc. podendo ser compreendida como uma mácula. Na lacuna desta concepção, corremos o risco de não aceitar essa temática como algo a ser discutido, por não ser comum no mundo acadêmico, social, cultural e outras ramificações sociais. Numa sociedade consumista onde o individualismo orchestra, a alterofobia se torna até um estímulo. Chega-se a entender numa visão narcisista que a alterofobia é uma alternativa para a sobrevivência em sociedade. Que o outro é um incômodo para aquilo que almejo, a empatia fica em outro plano do próprio ser. Neste contexto, as consequências são as desculpas para as crises sociais que estamos enfrentando como guerras, imigração, racismo, conflitos armados, preconceito e xenofobia.

PALAVRAS-CHAVE: Alterofobia, Socialização, Crises.

ABSTRACT

Alterophobia has not yet become a very in-depth subject. With this article, based on bibliographic research of authors and texts, we intend to understand what this social phobia would be. The alterophobia outlined here in this essay does not have a pathological or congenital character, but is conceived as a product of socialization processes. In other words, in the same way that we are not born racist, homophobic, prejudiced, we are not born with this fear or reservation about relating to others, but it is forged and acquired daily whether for affective, social reasons (violence), etc. which can be understood as a stain. In the absence of this conception, we run the risk of not accepting this topic as something to be discussed, as it is not common in the academic, social, cultural world and other social branches. In a consumerist society where individualism orchestrates, alterophobia even becomes a stimulus. It comes to understand from a narcissistic perspective that alterophobia is an alternative for survival in society. That the other is a nuisance to what I desire, empathy remains on another plane of being itself. In this context, the consequences are excuses for the social crises we are facing such as wars, immigration, racism, armed conflicts, prejudice and xenophobia.

KEYWORDS: Alterophobia, Socialization, Crises.

¹ Doutorando e Mestre em Ciências da Educação pela ACU - Absolute Christian University; Graduando em Pedagogia (FAVENI) Bacharel em Jornalismo (Faculdade Católica Paulista); Bacharel em Ciência Política (UEA); licenciado em Letras (UEA); Especialista em Gestão Escolar e Educação Digital (Dom Alberto); Especialista em Língua Portuguesa e Literatura (UNIASSELVI); Especialista em Administração Pública (Castelo Branco); Especialista em Comunicação Institucional (Castelo Branco). **E-MAIL:** vianadacosta@gmail.com. **CURRÍCULO LATTES:** lates.cnpq.br/1860645152905240

INTRODUÇÃO

A Alterofobia é um termo pouco conhecido e discutido na sociedade. Este assunto deveria ser inserido no mundo acadêmico, social, cultural e até no contexto da saúde pública. Contudo, no mundo competitivo onde outros temas são chamativos, a alterofobia chega a ser menosprezado.

Com isso, a alterofobia é a contramão da sociabilidade. A sociedade consumista tende a assumir ainda o individualismo, tratando o outro como uma ameaça para o “progresso” e o incômodo ao ego. Neste sentido, compreende-se como a lei da natureza, onde o mais forte tem que reger tudo e ser o topo da cadeia alimentar.

Resultado da alterofobia são pessoas que não tem a sensibilidade ao outro, ou seja, a falta de empatia, onde vemos o conhecido dito popular: Deus para si e o diabo para os outros.

O QUE É ALTEROFOBIA?

Alterofobia é um neologismo híbrido advindo do latim e do grego que significa o medo, rejeição, aversão a tudo aquilo que é outro, tudo o que não sou eu mesmo. A palavra é estranha, mas a situação que ela indica é real, presente e incisiva, dia após dia, alimentando mentalidades e gerando atitudes. A outra pessoa, a outra causa, o outro sonho, o outro esforço, tudo, enfim, que não seja eu mesmo, acaba por se tornar desnecessário, ameaçador, destinado à rejeição e até mesmo à extinção. Resumindo, sofremos de *alterofobia*, causada pelo *hiperindividualismo*.

CAUSAS E O DIAGNÓSTICO

O que nos tem levado a esse tipo de comportamento são a destruição da coletividade e a construção do indivíduo solitário e autossuficiente – ou, como diz o papa Francisco, autorreferencial –; a

construção de um inimigo comum, como o único elemento aglutinador, na sociedade, capaz de retirar as pessoas do seu subjetivismo individualista; a mentalidade de que o conflito e a guerra são geradores de vida e desenvolvimento; a ideologia da invisibilização da inimizade social e a normalização da competição e da meritocracia, dando assim permissão para eliminar o outro.

O triste diagnóstico que fazemos é que nós, na nossa sociedade atual, sofremos de grave *alterofobia*, ou seja, medo, rejeição e aversão a tudo aquilo que é outro, tudo o que não sou eu mesmo.

A questão é tão grave, que o Papa Francisco já alertou: “Neste mundo que corre sem um rumo comum, respira-se uma atmosfera em que a distância entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade da humanidade partilhada parece aumentar: até fazer pensar que entre o indivíduo e a comunidade humana já esteja em curso uma cisma” (FT 31).

No mundo contemporâneo também são fortalecidos pela virtualidade das redes sociais, dos jogos e bate-papos destituídos de concreticidade e mediação real. O filme argentino *Medianeras* narra muito bem isso: dentre seus personagens há um jovem chamado Martín que vive solitariamente – com a exceção de um cão que lhe faz companhia – num cubículo em Buenos Aires. É compulsivo pelo mundo virtual; resolve praticamente tudo pela internet, incluindo a compra da sua comida. Esse filme nos deixa um ensinamento: é bem possível que o ser humano esteja perdendo em ritmo acelerado a habilidade para o contato real com o outro.

Vivemos hoje em tempos de *Second Life*, onde a vida real é vivenciada apenas de modo espúrio e simulado. Não é raro ouvirmos testemunhos de pessoas dizendo que têm mais de mil amigos virtuais, mas que na realidade pouco se conhecem e interagem. O medo do outro, adicionado ao individualismo, tem nos levado a nos trancafiar; vivemos como mônadas e átomos sem relações. O medo da frustração nas relações, seja nas

amizades, no namoro, no casamento, tem sido um bom termômetro para medir o momento pelo qual passamos.

Thomas Hobbes (1588 -1689), por exemplo, ao retomar o dramaturgo romano, Plautus (254-184 a.C.), e afirmar que "o homem é o lobo do homem", coloca o medo recíproco como fundamento do Estado; Cari Schmitt (1888 -1985) afirmou, no início do século XX, que o binômio amigo -inimigo era determinante para a política; Henri Bergson (1859 -1941) lançou, em 1932, o conceito de "sociedade fechada", contestado em 1945 por Karl Popper (1902 -1994), com a obra "A sociedade aberta e seus inimigos.

Nossa adoecida sociedade apresenta inúmeros sintomas:

- Estamos transformando o diferente, o divergente e o oponente em inimigos para podermos dar azo ao nosso desejo de eliminá-los;
- Impera entre nós a intolerância;
- Nas redes sociais, temos divulgado mensagens discriminatórias e intolerantes e praticado o cancelamento;
- Na vida real (não digital), aumenta a violência, o ódio, o homicídio e as guerras;
- O diálogo é cada vez mais raro e escasso;
- As famílias se dividiram, romperam relações por razões ideológicas;
- As comunidades estão em conflito, defendendo opostos em nome do mesmo Evangelho;
- O rancor, a inimizade, o afastamento das pessoas crescem vertiginosamente;
- Por razões etnoraciais, pratica-se o racismo;
- Por razões sociais, a aporofobia;
- Por razões sexuais, o feminicídio e a eliminação das pessoas que vivem uma orientação sexual diversa da nossa;
- Por motivos políticos, abandona-se o bem comum (do todo) e prioriza-se a parte, minha parte, a parte com a qual me identifico sem consciência crítica;

- Por motivos religiosos, difama-se, persegue-se, calunia-se, destrói-se, mata-se;
- Os interesses valem mais que os valores;
- O outro se tornou mercadoria;
- Julgamentos precipitados, rejeição gratuita, ódio desmedido, combate a pessoas por causa de suas ideias e propostas e banalização da morte tornam-se corriqueiros;
- Falta compromisso com a verdade, em nome de interesses individuais ou de grupo (*fake news*);
- Creches e escolas são atacadas por pessoas armadas;
- A violência é normalizada, como a posse de armas e o incentivo ao armamento;
- Além de assédio moral e sexual, constata-se aberta defesa do aborto, devastação ambiental, *bullying*, intolerância religiosa, tráfico de drogas, tráfico de pessoas, apologia ao armamentismo, situações análogas ao trabalho escravo, discurso de ódio, corrupção e fome;
- Há uma "globalização da indiferença" (EG 54);
- Há uma crise de pertencimento que gera o fenômeno do identitarismo;
- Nossa sociedade está dividida, é desigual e excludente.

OBJETIVO

Compreender o conceito de Alterofobia buscando uma verdadeira análise dos conflitos na sociedade atual.

METODOLOGIA

A partir do levantamento de autores e textos, foi feita uma pesquisa bibliográfica para analisar o conceito de Alterofobia bem como suas análises dentro do contexto da sociedade atual.

SÍNDROME DE CAIM

Infelizmente é comum encontrarmos pessoas com a síndrome de Caim. Pessoas que ao serem impregnadas com a cultura do individualismo, relativismo e narcisismo não se acham responsáveis pelos seus irmãos. Tais pessoas não estão sensíveis ao fato de eles estarem vivos ou mortos. Seus olhos estão voltados unicamente para si próprios. Este é um lado sombrio da Síndrome de Caim, porém não é o único. Existe um lado ainda mais sombrio, que revela um coração cujo pecado já bateu a porta e recebeu acolhimento.

CRISES DOS PERTENCIMENTOS

Consequência imediata é crise dos pertencimentos, isto é, em nome da ênfase nas identidades parece ter - se enfraquecido radicalmente a referência à comunidade. Cada vez mais os indivíduos ensaiam posições e papéis submetidos ao crivo, única e exclusivamente, de seu engajamento individual.

Consequentemente, os modelos de associação e de participação que orientaram a dinâmica social das últimas décadas, para não dizer do último século, entraram em colapso. E isso é sentido em todos os âmbitos da vida social, mas de forma especial nas instituições que mantinham e determinavam o sentido da coletividade.

É daí que vem a crise sofrida por instituições consagradas como a família, a escola, a religião, a política, os sindicatos. Agora são os indivíduos que questionam os seus próprios líderes, sem que isso lhes desfigure o sentido de participação, de uma pertença que é cada vez mais alheia ao engajamento efetivo e não conseguem promover novas formas participativas de construção social.

No campo social e político, essa crise dos pertencimentos gera um fenômeno comumente chamado de identitarismo que, cada vez mais, se

aproxima do sectarismo. A partir dessa “nova pertença”, muitos setores, inclusive religiosos, têm construído uma política de exclusão e antagonismo, que impede o diálogo e a superação de divergências. Erguem-se bandeiras identitárias e estas, sem nenhuma autocrítica, querem impor - se sobre o bem comum da sociedade, obtendo - se como resultado a intolerância e a violência.

RECEITA E REMÉDIO: CULTURA DO DIÁLOGO, DO RESPEITO E DA AMIZADE

O que todos esperamos, ao fim de uma consulta, é o prognóstico. Apresentamos os sintomas. O médico ajudou-nos, com base em suas fontes, a fazer um diagnóstico preciso. Agora, queremos saber como será o tratamento, qual será o remédio a ser administrado e como fazê-lo.

O remédio para nossa alterofobia, causada pelo hiperindividualismo, é a *amizade social*. Mas o que é amizade social? Do que se trata?

Deixemos que o próprio papa Francisco nos responda: *amizade social* é “amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço” (FT 1); “uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade física” (FT 1); “um amor desejoso de abraçar a todos” (FT 3); “comunicar com a vida o amor de Deus, recusando impor doutrinas por meio de uma guerra dialética” (FT 4); “é viver livre do desejo de domínio sobre os outros” (FT 4); “o amor que se estende para além das fronteiras” (FT 99), “a todo ser vivo” (FT 59); “o amor que rompe as cadeias que nos isolam e separam, lançando pontes; o amor que nos permite construir uma grande família na qual todos nós podemos nos sentir em casa; amor que sabe de compaixão e dignidade” (FT 62); nossa “vocalização para formar uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e cuidam uns dos outros” (FT 96); “a capacidade diária de alargar meu círculo, chegar àqueles que espontaneamente não sinto como parte do

meu mundo de interesses, embora se encontrem perto de mim” (FT 97); “amor que implica algo mais do que uma série de ações benéficas. As ações derivam de uma união que propende cada vez mais para o outro, considerando-o precioso, digno, aprazível e bom, independentemente das aparências físicas ou morais. Amor ao outro por ser quem é impele-nos a procurar o melhor para sua vida. Só cultivando essa forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos” (FT 94).

Agora, pois, é preciso aplicar esse remédio diariamente em nossa vida pessoal e em nossa convivência comunitária e social, com atitudes concretas, iniciativas reais e empenho comprometido com o fim da indiferença, do ódio, das divisões e guerras, superando resolutamente esse sistema que incha o indivíduo e anula as grandes causas sociais e comunitárias.

Bento XVI, na sua Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais, celebrado em 24 de maio de 2009, chamava a atenção especialmente dos jovens sobre a amizade: "O conceito de amizade logrou um renovado lançamento no vocabulário das redes sociais digitais que surgiram nos últimos anos. Este conceito é uma das conquistas mais nobres da cultura humana. Nas nossas amizades e por meio delas crescemos e desenvolvemo-nos como seres humanos. Por isso mesmo, desde sempre a verdadeira amizade foi considerada uma das maiores riquezas de que pode dispor o ser humano. (...) A amizade é um grande bem humano, mas esvaziar - se -ia do seu valor, se fosse considerada fim em si mesma.

Os amigos devem sustentar – se e encorajar-se reciprocamente no desenvolvimento dos seus dons e talentos e na sua colocação ao serviço da comunidade humana. Neste contexto, é gratificante ver a aparição de novas redes digitais que procuram promover a solidariedade humana, a paz e a justiça, os direitos humanos e o respeito pela vida e o bem da criação.

Estas redes podem facilitar formas de cooperação entre povos de diversos contextos geográficos e culturais, consentindo-lhes de aprofundara comum humanidade e o sentido de corresponsabilidade pelo bem de todos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tempos atuais e o Papa Francisco nos desafiam a “ir além dos grupos de amigos e construir a amizade social, tão necessária para a boa convivência (...) [fugindo] da inimidade social, que só destrói (...). Isso nem sempre é fácil, principalmente hoje, quando parte da sociedade e da mídia se empenha em criar inimigos para derrotá-los em um jogo de poder. O diálogo é o caminho para ver a realidade de uma maneira nova, para viver com entusiasmo os desafios da construção do bem comum". “Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudéssemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros (...)" (EG, n. 87).

Neste sentido, a nossa sociedade ainda falta compreender que a alterofobia ainda é um diagnóstico pouco conhecido. No documento *Evangelii Gaudium* a proposta do Papa Francisco é superar essa doença por meio da amizade social. Apesar das tecnologias e mídias digitais terem encurtado as distâncias e trazido mais perto o homem, ainda vivemos no meio social com uma fobia que muito nos desafia. Não existe um medicamento pronto para acabar com a alterofobia. Desta forma, cabe a cada um fazer o seu exame de consciência e saber a verdadeira empatia, que tanto estamos precisando numa sociedade competitiva.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A política**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BENTO XVI. **Mensagem para 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. (Mensagens). Vaticano, 24 de maio de 2009.

CONCÍLIO VATICANO II. Gaudium et Spes (GS): **Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje.** In: CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II.* Petrópolis: Vozes, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Texto-base da CF-2024.* Brasília, DF: Edições CNBB, 2023.

FRANCISCO, Papa. Evangelii Gaudium (EG): **Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, Papa. Fratelli Tutti (FT): **Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social.** Brasília, DF: Edições CNBB, 2020.

HOBBS, Thomas. *Leviatã.* Tradução de João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva e Claudia Berliner. São Paulo: Marins Fontes, 2003.

JOÃO PAULO II, Papa. Novo Millennio Ineunte (NMI): **Carta Apostólica no termo do grande jubileu do ano 2000.** São Paulo: Paulus, 2001.

LIMA, Francisco Jozivan Guedes de. **Sociabilidade e alterofobia: um ensaio filosófico.** v. 1. n. 2 (2014), pp. 79-95. 2015.

MOTA, Sérgio. **Síndrome de Caim.** Dezembro de 2015. <https://vidarelevante.com.br/2015/12/a-sindrome-de-caim/>. Acessado em 10 de fevereiro de 2024.